



andrepomponet

Crônicas Postado em Dez 22, 2020

Dois Botecos

– Minha namorada é a cachaça!

Quem sentenciava era “Zé Folha”, acomodado entre bêbados de olhar perdido. Acomodavam os traseiros nas pedras que cumpriam função de assento. Ficavam na rua, na calçada entre os dois botequins sórdidos. O primeiro era minúsculo, com uma geladeira amarela estampada com um escudo do Flamengo e um balcão de madeira, muito sebento. Nas prateleiras descansavam garrafas plásticas reaproveitadas de vinho ordinário, com ervas aromáticas mergulhadas em aguardente de péssima qualidade.

Uma mulher grisalha, de feições duras, mas com aparência jovem, despachava a clientela embriagada. Três ou quatro sujeitos acomodavam-se em tamboretos de madeira. Os demais derreavam-se no passeio, esticando as pernas. O sol reluzia nos pés inchados, escuros, cujas peles se deformavam.

“É o efeito da cachaça de dez centavos”, explicava “Zé Folha”, apontando também para os próprios pés. Os demais não riam do gracejo, nem desgostavam: recebiam-no com indiferença vegetativa. Um ou outro baforava um cigarro, o olhar à espreita de quem pagasse uma dose de aguardente.

Adiante ficava a outra bodega.

“Ali fica o inferninho”, apontava “Zé Folha”, com o dedo nodoso realçando a informação. O “inferninho” era mais amplo, muito sujo e, às vezes, cheio. Nas prateleiras descansavam garrafas de conhaque, aguardente, vinho e até uísque: tudo falsificado. Havia bananas e laranjas, penduradas em pequenas redes amarelas, bolachões que os bêbados mastigavam quando a fome castigava.

Bombonas plásticas, azuis, acomodavam a aguardente que degenerava a clientela. Um sujeito com ar de fuinha, mas cordial, despachava as magras solicitações.

– Aqui a gente tá em casa. Mal amanhece e a gente já vem pra cá – acrescentava “Zé Folha”, segurando o copo plástico abastecido de cachaça.

Pela manhã, o sol incidia sobre os dois botequins. O alpendre estreito do “inferninho” ajudava pouco. E os ébrios resolviam o contratempo atravessando a rua, abrigando-se à sombra úmida da fachada de uma

– Nossa profissão é a cachaça – explicava, doutoral, “Zé Folha”. Encantava-o a função de anfitrião, sempre segurando, com cuidado, o instrumento de trabalho.

Ali se reuniam duas categorias: a que a cachaça inutilizava e a que se inutilizava pela cachaça. Era como se classificavam, impiedosos. Exerciam ofícios mesquinhos: um fazia carretos com um carrinho-de-mão; outro virava-se como carroceiro; um até fora estudante e trabalhador, mas renunciara a tudo para dedicar-se à bebida.

Outros, no passado, venderam picolés, foram ajudantes de pedreiro e um até chegara a dono de bar e tivera uma mulher bonita. Mas naufragou: exibia o rosto inchado, escuro como os dos demais; os pés deformavam-se nas sandálias de couro, as mãos tremiam e o olhar perdia-se em contemplações enigmáticas.

– Esses não comem ninguém – ironizava “Zé Folha”, impotente militante.

Sexo ali se resumia ao vernáculo, aos palavrões abundantes. Um travesti desdentado e decadente até frequentara o ambiente. Mas desistira: àqueles faltava qualquer ânimo. Mulher, quando aparecia, degenerava-se no mesmo vício dos homens. Ali só faltava pudor na hora de entornar a cachaça malvada.

Brigavam pouco: as rixas limitavam-se aos palavrões, às ofensas banais. Raramente alguém encrespava, empunhando uma garrafa ou um pedaço de pau. Uma vez “Paulo Grilo” aplicou uma cacetada em “Misericórdia”, que foi medicado no posto médico. O episódio atraiu polícia numa viatura, que chegou indagando, esbofeteando e pisoteando. Ficaram indignados. “Paulo Grilo” sumiu: enturmou-se com um magote de bêbados do Centro de Abastecimento. “Misericórdia” retornou. Seguiu se suicidando em doses curtas, amareladas.

Quem morreu foi “Pedro Lambança”, mas ninguém sentiu falta. “A cachaça brutaliza, acaba até com a solidariedade”, filosofou “Zé Folha”, o olhar distraído percorrendo os tijolos crus, aparentes, nas paredes da antiga fábrica de tubaína. Abandonado, o prédio se decompunha, arruinava-se.

“Pedro Lambança” tinha mulher e filhos, mas isso não diminuía sua dedicação às maratonas etílicas. Deformado pelo álcool, trêmulo, devotava o dia às quitandas, às vendinhas. Um hábito o celebrou: o cordão amarrado às sandálias para mantê-las presas aos pés deformados. Depois das primeiras doses, praguejava, reclamava da mulher e dos filhos ausentes, cantava, relembrava episódios da infância.

Um dia “Pedro Lambança” não apareceu. Estava internado, devastado pela cachaça. Nem foram visitá-lo no hospital. Limitavam-se a remoer a angústia: quem seria o próximo? Especulavam, silenciosos, nos tamboretos e no tronco seco de goiabeira onde “Pedro Lambança” dormiu bêbado muitas vezes.

– Mais um que parte – Resumiu a quitandeira de cabelos grisalhos.

Intuíam o que os outros pensavam, com olhares aflitos. E entendiam-se, tacitamente, nos diálogos curtos e nos silêncios prolongados. A morte, quando chegava, abolia até as diferenças de classe: alcançaria o ébrio impenitente, que comia as sobras de acarajé que uma baiana vendia numa esquina próxima; e também o bebum contumaz que a família sustentava e que dormia numa cama macia.

– Aqui a vida é na cachaça e a morte é da cachaça – resumia “Zé Folha”, com um gesto incerto, mas filosófico. A vida e a morte encontravam uma convergência peculiar: vivia-se pela morte e morria-se pela vida. Tudo regulado pelo conteúdo das bombonas plásticas. “Aqui não se respeita nem mesmo o espelho”, sintetizava “Zé Folha”, antes do arroubo de valentia para o próximo gole.

[Curtir 0](#)[Compartilhar 0](#)[Salvar](#)

Atualizado em: Sex 1 Jan 2021

Deixe seu comentário
É preciso estar "logado".

CURTIR NO FACEBOOK



Autores.com.br
598 curtidas

Curtiu

Cadastre-se



Autores.com.br
há cerca de 4 anos



Autores.com.br
Curitiba - PR



WhatsApp (41) 99115-5222

desenvolvido por number1.com.br